

tras regiões, como Minas, para a criação de bÊstas, não alcançaram os índices do Sul.

O intenso trânsito de animais se fazia através da longa estrada que unia o Território das Missões e Pôrto Alegre a Sorocaba, onde ficava a famosa **feira de burros**, cuja colorida descrição está inserta em uma obra hoje difícil de ser encontrada (F. L. d'Abreu Medeiros, **Curiosidades Brasileiras**).

Em um país de desmedidas distâncias, cujos contrastes orográficos não podiam ser subestimados diante da precariedade dos caminhos que, chegando a ligar quase todo o país, o faziam, entretanto, com aquela imperfeição minuciosamente estudada por Capistrano, crescendo-se, ainda, a escassez de tipos de transportes utilizáveis ou disponíveis, os cargueiros, apesar dos seus inconvenientes, suplantaram, durante séculos, outros veículos ou meios de transporte, como o escravo, que se lhe não podia comparar em resistência, segurança, capacidade de carga e até mesmo pontualidade, e o carro-de-boi, válido nas planuras e caminhos largos.

Apenas nas regiões de rede hidrográfica navegável, os cargueiros cederam lugar aos barcos, veículos menos onerosos e mais rápidos.

Na economia paulista, mostra-nos o autor, que o chamado "ciclo do luar" ofereceu dois aspectos, ambos comerciais, o do mercado de vendas e o transporte dos produtos.

Ganhou, assim, São Paulo, duplamente, pois se serviu do luar para escoamento das safras de açúcar e café, e serviu de intermediário entre criadores e tropeiros, promovendo a subida dos animais que pagavam tributo no pôsto fiscal de Curitiba (a essa época terra paulista) e na feira de Sorocaba.

Ao longo das páginas dêste livro é possível conhecermos as características das tropas, a vida itinerante dos cargueiros, o trato da carga, os pousos, o tropeiro e a sua indumentária, a dieta alimentar, costumes, ajudantes, etc.

Com êsse mesmo objetivo restaria ao autor o estudo da zona de criação, em todo o conjunto de elementos que determinaram a intensa pecuária que ali se desenvolveu: processos de criação, pastoreio, seleção, aproveitamento, capitalização, rentabilidade, nível de vida, etc.

Sem êste estudo, que acreditamos não ter sido feito pelos que têm tratado do assunto, padece a amplitude enciclopédica que se pretendeu dar ao tema dêste livro.

JOSÉ ROBERTO DO AMARAL LAPA

*

A NOVA AFRICA (vários autores). Planejamento e organização de João Alves das Neves. Coleção "Mundos Novos", Editôra Anhembi, São Paulo, 1961.

"De um extremo a outro da terra, os negros, separados pelas línguas, pela política e pela história dos seus colonizadores, têm em comum uma memória coletiva".

Jean Paul Sartre ("Orphée Noir").

A bibliografia brasileira sôbre a África, com exceção apenas talvez de alguns títulos de ambição antropológica ou histórica, é de franciscana pobreza.

Até pouco tempo atrás, costumávamos motivar a nossa informação, menos por uma orientação política de economia e de cultura com interêsse intercontinental, do que por uma visão de perspectivas inteiramente deformes pela literatura e pelo cinema.

Falta-nos, sôbre o grande continente, o conhecimento amplo, planejado, científico e universitário, que as nações européias e os norte-americanos lhe têm devotado.

Em cotêjo com todos os que estendem hoje a mão à África, levamos uma certa vantagem: não promovemos o transplante de nossas instituições para lá, integrando os africanos nelas, mas os trouxemos para as nossas instituições, integrando-os em nossos chãos; se nesse processo os nossos métodos não diferiram muito dos das outras nações, no que êles encerravam de abominável, superamos contudo, legando-os, há muito, à condição de simples fato histórico, enquanto que a prossecução dos interêsses colonialistas pelas outras nações, ainda que sob novas formas e fórmulas, só agora entra em seu melancólico crepúsculo; entre o sistema escravocrata e o colonialista há símiles e há contrastes, e isto, historicamente interessa à consciência desperta da África, sob o ponto de vista econômico, social e humano. Mas, deve-lhe interessar, também, saber que, se praticamos a escravidão, sofremos entretanto o colonialismo, conseguindo remover a ambos.

Daí acreditarmos que o intercuro cultural e econômico pretendido, só poderá ser compreendido, tanto por nós quanto pelos africanos, dentro de uma indeclinável perspectiva histórica.

O que devemos conhecer da revolução africana, é o que os africanos devem conhecer da nossa revolução: o coetâneo e o pretérito.

Durante os séculos XVI, XVII e XVIII, apartando as condições de centro produtor e comercial, o Brasil teve, para o império ultramarino português, sobretudo, o caráter de **colônia de posição**.

Os seus portos, particularmente os do Salvador e Rio de Janeiro, assistiram, não poucas vêzes, à partida de fôrças para socorrer praças situadas na África Ocidental, como Angola, na África Oriental, como Moçambique, e na Ásia, como Goa.

Fora do intenso comércio intercolonial, recursos materiais e humanos seguiram do Brasil para aquelas partes, quando não, para outras áreas da América, como o Prata, no momento em que ali se fazia sentir a ocupação lusitana.

Inerente a essa política econômico-militar, estava o intercuro cultural, também até hoje não suficientemente estudado, para poder mostrar-nos o acendrado parentesco que guardamos com a África e a Ásia.

Hoje, podemos não concordar **in totum** com a orientação que vem sendo impressa à política brasileira de aproximação afro-oriental. Entretanto, reconhecemos alguns dos bons resultados que ela vem demonstrando. Entre êstes perfila-se a voga literária dos nos-

soz dias que, sintomaticamente, encontra um público leitor certo e numeroso, ainda que se torne no presente temerário fazer qualquer afirmação sobre o continente africano, pelo risco de que, passadas algumas horas, possa a mesma ser superada.

Esta é a situação em que se coloca, em inúmeras passagens, esta coletânea intitulada **A nova África**.

Autores, parece-nos que de tendências diversas, são nela reunidos, para dar uma informação geral sobre os complexos problemas que envolvem a cotidiana evolução das jovens nações africanas.

O seu organizador, o escritor João Alves das Neves, abre o livro traçando algumas considerações sobre **O Brasil perante a África**, nas quais aborda com propriedade as raízes que justificam a nossa aproximação daqueles povos, num momento histórico dos mais significativos para ambos.

Em lírica evocação, segue-se o sr. Léopold-Sédar Senghor, que coloca a sua experiência e a sua vivência em favor da união de brancos, negros e mouros, independente da religião e dos preconceitos raciais nas conturbadas áreas africanas, nas quais a França tanto se tem desgastado nestes últimos anos.

Em **Estrutura social e política**, o sr Cheikh Anta Diop desvendamos o desconhecido panorama histórico africano desde o início da nossa era. Mostra-nos as migrações internas e a formação de novos estados condicionados a situações mesológicas, que implicavam num processo de acomodação vegetariana, desde que as manifestações de artesanato e indústria não chegavam a dar-lhes a oportunidade da escala social e econômica desejável. Estuda, ainda, a estrutura econômica impermeável da sociedade escrava dentro do sistema de compensação de castas; o núcleo familiar com as suas relações de parentesco, condicionadas à poligamia; as categorias sociais dentro das camadas escravas, e outros aspectos da África pré-colonial, então prestes a sofrer o impacto que aviltaria as suas formas primevas de vida comunal.

Vem, então, **A partilha da África**, feita sob a desmedida ambição dos colonialistas do século XIX, quando imensas glebas eram trocadas por tecidos, álcool e quejandos, como nos recorda o sr. Ch.-André Julien.

Na vasta exploração humana, de sentido econômico-político, que tem lugar, o negro é ainda apontado como indolente e incapaz, o que é refutado pelo sr. A. Serpos Tidjani em **O africano e o problema do trabalho**, quando analisa uma série de fatores responsáveis por essa situação, que aliás se conjugam com o que expõe o seguinte artigo, **Africanos Subalimentados**, de H. C Trowell.

Dentro dos interesses brasileiros por um mercado consumidor africano, merecem reflexão as considerações feitas pelo sr. Pierre Naville ao examinar o desenvolvimento da **Indústria e Comércio africanos**, em face dos investimentos estrangeiros, comprometidos aquêles pela inexpressividade do mercado interno que, por sua vez, implica na exterioridade do comércio.

A dependência colonial às metrópoles debilita o seu processo de desenvolvimento industrial. Assim, até matérias-primas encontráveis na própria África são importadas, prejudicando, sensivelmente, as já pequenas possibilidades de comércio interno, agravadas por um insuficiente sistema de viação e por outros fatores, muitos dos quais sobreviverão às vitórias anticoloniais.

Esses problemas são focados no trabalho do sr. W. R. Crooker, quando procura justamente apontar as limitações que se impõem à **Industrialização da África**, lembrando, inclusive, as implicações e ligações existentes entre a prosperidade econômica e as conquistas do espírito.

Promovido o processo de desenvolvimento, restarão, entretanto, inúmeros problemas, para os quais as soluções preconizadas em face da realidade africana poderão identificar-se com o **Sindicalismo**, apontado pelo sr. Pierre Paraf, ou com o **Comunismo**, cujas penetrações, oportunidades e impedimentos, o sr. Richard Pattee estuda.

Como momento histórico de profunda significação, a revolução que se processa naquele continente merece ainda três exames expressivos: o do sr. Georges Balandier (**Problemas do desenvolvimento econômico e social**), do sr. Charles-Henri Favrod (**A África entre dois passados**) e do sr. Hubert Deschamp (**Da dependência à interdependência e à interdependência**), nos quais procuram os seus autores mostrar os problemas com que se defrontam ou se defrontarão as nações ex-colonizadas perante o seu próprio continente e perante os demais.

Finalmente, em **O Panafricanismo e as grandes potências**, o sr. Philippe Decraene mostra que os interesses árabes, soviéticos e norte-americanos na África diferem, muitas vezes, na forma dos seus processos de penetração, fundindo-se, não obstante, em seus objetivos. O que, aliás, ocorre, também, em relação aos interesses ingleses e franceses.

JOSÉ ROBERTO DO AMARAL LAPA